

Nota de apresentação

Presentation note

Em relação aos números anteriores, este fascículo 52 apresenta inovações que merecem referência e, talvez, uma pequena justificação.

A primeira é a normalização que nos pareceu desejável das “Palavras-chave” (um conceito ultrapassado) que acompanham cada artigo. Em rigor, ao contrário do corpo do artigo, notas e bibliografia, que são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es) e dependem da aprovação dos avaliadores, trata-se aqui de produtos documentais que pertencem completamente ao domínio da nossa técnica profissional de bibliotecários. Porquê deixá-los, então, ao arbítrio (tantas vezes enfadado) dos autores, que os olham como coisa secundária e como obrigação penosa a cumprir? Quando falamos do *Boletim* de uma Biblioteca, esses conteúdos não responsabilizarão mais o editor do que o autor ou os avaliadores? Porque assim nos pareceu, e mantendo por imperativo editorial a designação de “Palavras-chave”, demos-lhes a forma de “rubricas de assunto” e uma ordem alfabética. Para levar a bom termo esta decisão editorial e para a plena adoção do *Acordo Ortográfico* em uso, tivemos de contar com a boa-vontade de todos os colaboradores, cuja compreensão e generosidade desde já agradecemos.

Também introduzimos pequenas melhorias no projeto gráfico deste número, que esperamos que sejam sensíveis (mais do que visíveis), pelo que nos dispensamos de as elencar aqui.

*

Este número começa com um texto do professor José Artur Pacheco, que retoma uma ideia original em que ele vem trabalhando há anos e que ainda não tinha conhecido publicação autónoma. Trata-se do conceito de “arquitipografia” como uma “arquitetura” do livro. Trabalho que junta com segurança os domínios da história do livro e do *design* gráfico a um aprofundado conhecimento da história social e cultural da edição em Portugal, bem evidente nos quatro volumes do seu *As artes gráficas e a imprensa em Portugal, séculos XV–XIX* (2018). Estamos-lhe muito gratos por nos ter dado o privilégio de o publicar neste número, cumprindo assim o desejo de não deixar de fora do *Boletim* contributos (neste caso, teóricos) na área do chamado tecnicamente “Livro Antigo”.

O texto que se segue no alinhamento é uma notícia de investigação da Mestre Maria Beatriz de Matos França, verdadeiro e atualizado “estado da arte” no que respeita ao artista a quem, até há pouco, o prelo da BGUC se atribuía exclusivamente. Contratada pela Biblioteca Geral, em 2020, para fazer investigação histórica acerca da família Galinha e tentar esclarecer as circunstâncias que levaram à aquisição do prelo pela Biblioteca, há quase 150 anos, pareceu-nos útil que os resultados dessa investigação ficassem disponíveis para futuros investigadores e não se reduzissem a um *Relatório* interno depositado no arquivo da BGUC. Jovem e estreante em publicações científicas, cremos que o resultado dos seus (e nossos) esforços ficou à altura das expectativas iniciais do *Boletim*.

O manuscrito dos *Estatutos* filipinos reimpressos em Coimbra (1653) é o objeto de análise da arquivista e conceituada investigadora Dra. Ana Maria Leitão Bandeira. O artigo dá conta das “sinalefas” e das *marginalia* que funcionaram como um código de comunicação estabelecido entre o editor e o oficial impressor. E assegura-nos ainda de que são sumamente raros os casos em que se conservaram ma-

nuscritos com estas características, para esta época. Trata-se, pois, de mais um “tesouro” exumado nos riquíssimos fundos documentais do Arquivo da Universidade de Coimbra e que aqui nos desvenda segredos até agora ignorados.

Encontrando-se ainda a decorrer o restauro minucioso de uma série de manuscritos musicais conhecidos como os “Cartapácios” da Biblioteca Geral, fomos nos apercebendo ao longo desse trabalho da singularidade das suas encadernações. Tal fez-nos solicitar ao distinto restaurador Dom Mariano Caballero um curto artigo sobre o tema. Este contribuirá, decerto, para o enriquecimento do conhecimento que se vem acumulando nos últimos anos sobre estes manuscritos tão importantes e poderá pesar muito na candidatura que queremos propor deste conjunto à “Memória do Mundo”, da Unesco.

Um utilizador muito assíduo dos recursos desta Biblioteca é o antigo docente da Universidade Católica Portuguesa e do Centro de História da Cultura da UNL, Prof. Doutor Manuel Cadafaz de Matos. Para publicação neste *Boletim*, disponibilizou-nos um texto em que tem trabalhado ao longo dos anos sobre um ignoto arquiteto bracaraense ao serviço de Espanha, que se notabilizou em Lima (Perú), no século 17. Personagem tão ignorada que ainda nem o seu nome é certo! As considerações que no artigo se tecem sobre as estratégias de mudança (oportunistica?) de nome no contexto de uma mudança de espaço vital, parecem-nos sobremaneira interessantes e de alcance muito para além da quase ignorada personagem que lhes deu aso.

Segue-se um trabalho que solicitámos a Pedro Miguel Gon com o objetivo expresso de que não se perdesse a investigação feita pelo autor acerca da estadia de U. Eco em Coimbra e na “nossa” Biblioteca Joanina. O resultado das suas indagações tinha saído em crónica publicada (e premiada) no jornal “Diário de Coimbra”. Mas, bibliograficamente quase impossível de recuperar e, assim, destinada a uma imerecida irrelevância no panorama da história cultural da cidade e da Universidade, como acontece com tantos outros artigos de jornal,

ao longo dos anos. Com esta publicação, num formato mais extenso e numa revista disponível em *Open Access*, passará a não poder mais ser ignorada por quem queira repetir (erradamente) que Eco esteve entre nós em 1996.

Neste número não poderia, naturalmente, faltar a conclusão do artigo iniciado no número anterior sobre as *Comemorações Camonianas* de 1969, em Moçambique. O doutorando Milton Pedro Dias Pacheco termina, assim, a crónica minuciosa dos meandros da política cultural do Estado Novo e do seu pendor celebrativo numa antiga colónia portuguesa, um palco muito menos investigado desse ponto de vista do que o da “metrópole”.

*

Depois dos artigos propriamente ditos, e como já é habitual, segue-se no *Boletim* a secção “Vida da Biblioteca”, com o elenco das Atividades Culturais e a publicação dos Catálogos das exposições realizadas.

Como tem acontecido nos últimos anos, o registo das atividades do ano de 2021 resultou do trabalho de Maria Luísa Sousa Machado e de José Alberto Mateus e evidencia eloquentemente a ambição do programa cultural que a BGUC vem desenvolvendo, sob a direção do Prof. Doutor João Gouveia Monteiro.

Na publicação dos Catálogos de exposições, passámos a incluir a respetiva Apresentação (ou, não existindo esta, o texto do *Press Release* distribuído) e ainda os locais, as datas e as Fichas Técnicas de cada exposição, para deixar memória mais permanente e exaustiva de um esforço coletivo que muitas vezes fica invisível. Se o Comissário de uma exposição pode dar-lhe uma alma, todo o corpo lhe vem de quem traduz, quem pagina e corta as legendas, quem restaura os livros e quem os coloca nas vitrines, até de quem, insistentemente, não deixa que a exposição seja esquecida no exigente palco das

redes sociais. É apenas justo que esses intervenientes fiquem referidos, sem esquecer os patrocinadores, quando existem.

Neste âmbito dos Catálogos da Exposições, começamos por apresentar neste novo formato um catálogo (e apenas na versão portuguesa) que não pode ser incluído na edição anterior, o de Magalhães-Elcano. Seguem-se os das exposições próprias do ano de 2021: “*Sou um tipo que faz coisas*”: Cruzeiro Seixas (1920-2020); Livros Sagrados; Fernando Pessoa 1888-1935; José Saramago 1922-2010; Portugal e Japão: a fusão de duas culturas nas Artes e nas Letras; Exposição bibliográfica comemorativa do centenário da Faculdade de Farmácia da UC (1921-2021) e Natal: uma mostra de Incunábulos e Gravuras (sécs. XV-XIX).

*

Graças às ferramentas disponíveis na plataforma OJS, sabemos que o número de *downloads* do volume 51 mais do que duplicou em relação ao anterior, para um período idêntico de tempo. Esperamos ir sempre melhorando cada ano este *Boletim* e que os leitores continuem a apreciar os nossos esforços.

Aproveito para agradecer à equipa com que trabalhei durante este ano na Biblioteca, nomeadamente às colegas Iuliana Gonçalves e Jaquelina Neves e aos vários elementos envolvidos do lado da Imprensa da Universidade, que este ano comemora os seus 250 anos. Parabéns a todos.

O Diretor do “Boletim”

A. E. Maia do Amaral

(Página deixada propositadamente em branco)